



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

SETEMBRO 2014 - N° 289

No dia 14 do corrente mês, a Igreja comemora a Exaltação da Santa Cruz, festa titular de nossa Província. Publicamos aqui um texto de D. Eusébio Oscar Scheid, que poderá servir de inspiração para nossa meditação, oração e também nas pregações.

“No dia 14 deste mês, a liturgia da nossa Igreja celebrava a festa da Exaltação da Cruz. O fiel é convidado a penetrar as profundezas de um "amor que chegou aos extremos" (Jo 13,1), louvando, agradecendo, exaltando.

Não podemos restringir a nossa contemplação ao aspecto doloroso e trágico dessa "bendita e louvada" Cruz, da qual pendeu a salvação do mundo. Ficamos chocados e até, revoltados diante dessa ignominiosa crueldade de condenar um Inocente através do suplício degradante e debochante, que era reservado aos escravos mais vis e revoltados, os bandidos e salteadores.

Queremos engrandecer o heroísmo máximo de quem morreu pelas mais nobres causas, escancarando o acesso à salvação para todos.

Sempre olhamos para o Crucificado com certa tristeza... Além de ter diante dos olhos a imagem mais cruel do Homem das Dores, vem-nos à lembrança a causa de tanto sofrimento: os pecados todos desde Adão até o final dos tempos estão retratados ali, naquela imagem de um transfigurado pela dor, ingratidão, pela paixão e pelo sofrimento da humanidade toda. O profeta Isaías, nos Cânticos do Servo de Javé, havia profetizado: "O mais belo dos homens perdeu toda a sua beleza. Não mais parece nem mesmo gente. Aparece como "golpeado, humilhado, desonrado e triturado" (Is 53,5).

Contudo, os Santos viam nele a suma beleza, o maior objeto de esperança, a figura santa e verdadeira do homem novo. Desta forma, a Cruz será o grande contraste, o desafio por definição. Por um lado demonstra a maldade do ser humano e, por outro,

a grandiosidade do amor do Pai "que não poupou a seu próprio Filho" (Rm 8,32) e de Cristo, que demonstra ali o maior amor pelos amigos, "morrendo por eles" (Jo 15,13).

O Crucificado é, efetivamente, o centro da História humana. É naquela hora - a HORA entre as demais horas - que se realiza "a plenitude dos tempos" (Ef 1,10 e Gl 4,4) Jesus havia confidenciado, que naquela hora iria atrair tudo para si. De fato tudo se agrupa ao redor da Cruz; os povos que andam nas trevas e os que avançam ao clarão da luz eterna; a história de cada pessoa e do universo todo adquire pleno sentido à sombra dessa Cruz. É por isso, que São Paulo nos fala do mistério da Cruz como o mistério central, o centro de toda a ciência e sabedoria. O Crucificado, no mistério de sua Paixão e Morte nos assegura o aprendizado dos seus inesgotáveis tesouros de sabedoria e ciência. Achegando-nos ao Crucificado, contemplando-o com profunda compenetração, tornamo-nos seus alunos e, se formos dóceis aos seus ensinamentos, tornamo-nos seguidores dos seus passos todos... até mesmo dos ensanguentados.

"A Cruz está de pé, enquanto o mundo gira", cantava-se em séculos passados, aparecendo, assim, a Cruz como a rocha firme, o baluarte que não treme diante das coisas que passam. Ela é estável e firme! Ela está firme enquanto os acontecimentos humanos se desenrolam a seus pés, transformados pelo sangue redentor, pelo benefício de um amor eterno.

A Cruz é também o grande sinal da esperança última: "Verão aparecer sobre as nuvens o sinal do Filho do Homem" (Mt 24,30). Os cemitérios, as lápides sepulcrais quase todas estão assinaladas pela Cruz. É a certeza de que aqueles que "morreram em Cristo, também ressuscitarão com Ele" (Rm 6,4).

A Cruz atravessa as sombras da morte, os muros do desconhecido mundo do Além, e abre novas esperanças, a visão preanunciada de uma vida nova de felicidade eterna: agregação conjunta de todos os bens e alegrias, amizade transformante com Deus, imersão na sua glória.

A Cruz, dizíamos, se nos apresenta como um grande contraste, um verdadeiro choque. Ali se defrontam o ódio máximo e o amor maior; o aparente fracasso e a vitória final, já iniciada; a justiça e a misericórdia; as luzes e as trevas; a tristeza da morte e o borbulhar das "fontes da alegria de salvação" (Is, 12,3). A Cruz nos estimula ao sacrifício, ao heroísmo e ao martírio. Nela os missionários de todos os tempos encontravam inspiração e impulso evangelizador. Todos os inumeráveis mártires de ontem e de hoje

encontravam nela o ideal e a força para o sofrimento e para o enfrentamento da própria morte, qualquer que fosse.

A Cruz, ainda hoje, nos irmana na solidariedade com os que sofrem: doentes, encarcerados, injustiçados, excluídos... Para todos eles (e para nós também) o Crucificado é a resposta: "Não temais eu venci o mundo" (Jo 16,33).

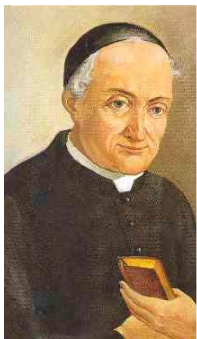
Ao nos persignarmos com o sinal do cristão - como aprendemos desde o Catecismo - professamos a nossa fé que brota da Cruz e nela se consuma como vitória final. Não percamos o lindo costume de enriquecermos as salas de estar, salas de aula, de decisões maiores, estabelecimentos públicos - com a figura nobre e, ao mesmo tempo, triste do Crucificado. É perene apelo à justiça e honestidade. É garantia de acerto.

Ao contemplarmos um pouco mais de perto o Crucificado, entenderemos melhor os segredos de Jesus e teremos mais coragem para enfrentar os contratemplos do dia-a-dia e nossos olhos penetrarão nos abismos do Amor...

A Cruz é uma das grandes maravilhas de um amor sem limites e sem explicações, de um amor humano-divino de total doação”.

(D. Eusébio Oscar Scheid)

Fonte: Amai-vos - 10/2003



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

O U T U B R O 2 0 1 4 - N ° 2 9 0

No dia 12 do corrente mês, a Igreja comemora a Festa de Nossa Senhora Aparecida. Sabemos da devoção de nosso Fundador à Virgem Maria, daí a publicação deste mês sobre o **ROSÁRIO MARIANO**, texto extraído do Livro ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE SÃO GASPAR BERTONI, de autoria do PE. IGNAZIO BONETTI, CSS.

O ROSÁRIO MARIANO

Uma palavra ainda sobre a devoção de Pe. Gaspar pelo Rosário Mariano; a cujo respeito existem testemunhos que merecem ser apresentados. Que se tratasse de uma oração diária para ele aparece pelo modo com que ele fala dela, por exemplo no Memorial Privado - "afeto na recitação do terço"¹ - que é o mesmo com que ele fala da S. Missa e do Ofício divino: isto é, como um dos atos de piedade que fazem parte do programa espiritual diário².

Interessa principalmente salientar o espírito com que Pe. Gaspar fazia esta oração. "Uma vez indo visitar um irmão enfermo - afirma Pe. Lenotti - para que não se cansasse sugeriu-lhe rezar a Ave Maria, mas meditando-a como faço eu também, disse, quando não posso dormir, que rezo o terço, mas medito as palavras da Ave Maria, empregando aí uma hora e mais, e o mesmo faço com o Pai nosso, e assim as noites passam"³. É de ficar pasmado diante da profundidade contemplativa de um homem que sabia passar horas meditando a Ave Maria e o Pai nosso; trata-se certamente de um dom extraordinário. Mas fica confirmada a atitude fundamental que tinha Pe. Gaspar no

¹ MP, p. 62: anotação de 11 de outubro de 1808.

² O Pe. Stofella, referindo-se ao fato de que o Rosário não está elencado expressamente entre os exercícios de piedade cotidianos prescritos por P. Gaspar nas constituições, faz esta observação: "Não é citada aqui a recitação cotidiana do terço, sempre muito praticada, especialmente então, também nas famílias cristãs. A omissão talvez provenha do fato que tal prática a um religioso vem por si mesma". Notável a pregação juvenil de Pe. Gaspar sobre o S. Rosário: MS 1323-1397, ilustrada em Bertoni 2, p. 563-567.

³ SA p. 188.

exercício das várias orações, mesmo vocais; a contemplação da Palavra de Deus, procurando tirar daquela inexaurível fonte a luz destinada a iluminar a vida vivida.

Já vimos como desde jovem cooperador de S. Paulo Pe. Gaspar costumava praticar com este espírito, juntamente com os jovens do Oratório, a Via Sacra. A respeito da recitação do Rosário, sempre com os jovens do Oratório, atesta Pe. Lenotti: "Toda tarde cerca de uma hora por noite reuniam-se em sua casa muitos dos mais escolhidos, e aqui os fazia recitar o Rosário, e ainda fazia-lhes uma pregaçãozinha, uma meditação"⁴. Parece lógico ligar com esta atitude ao mesmo tempo contemplativa e prática que caracteriza a sua devoção pelo Rosário,

também a exortação à caridade para com os enfermos feita a um confrade por Pe. Gaspar, e inspirada no segundo mistério gozoso: "Aprendamos isto de Nossa Senhora. A mim sempre impressionou o que fez Maria com S. Isabel, que apenas avisada pelo Anjo da gravidez dela logo partiu, pensando ir visitá-la e assisti-la nos incômodos daquele estado. Partiu imediatamente, e depressa como diz o Evangelista, embora o caminho fosse tão longo e difícil, tanto era o seu desvelo em ajudar aquela necessitada, e sua caridade para com ela. E quando chegou, ficou não um, dois ou três dias, mas três meses contínuos assistindo-a nas suas necessidades"⁵.

Concluamos estes acenos ao piedoso exercício mariano por excelência que é o Rosário, apresentando aqui o texto de uma oração a Nossa Senhora particularmente cara a Pe. Gaspar e por ele rezada todas as manhãs. Com o Rosário ela apresenta uma profunda analogia; enquanto parece orientada a impregnar da presença de Maria a vida de cada dia, que é oferecida a Deus com tudo que ela reserva, em união com os próprios méritos da mesma virgem e de Cristo. Hei-la: "Bom dia, Minha Mãe, dai-me a vossa bênção. Abençoai a mim e a esta minha casa. Dignai-vos entregar a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer, em união aos vossos méritos e aos do vosso santíssimo Filho. Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser e tudo o que me pertence, entrego à vossa disposição para servir-vos, pondo inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me, Senhora minha, pureza de mente e de corpo afim de que não faça, neste dia, coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isto pela vossa Imaculada Conceição e pela vossa intata virgindade, real antes, durante e depois do parto"(105).

⁴ SA, p. 145.

⁵ Id., p. 144.

Comenta o Pe. Stofella.: "Quem medita um pouco esta oração encontrará aí quase uma realização do conhecido Tratado da Verdadeira Devoção à Virgem de S. Luiz Grignon de Montfort... O "Bom dia" já está no espírito da total devoção a Nossa Senhora. Ela é a Mãe, a senhora da casa. Nós a saudamos diariamente como tal. As nossas ofertas e orações passam a Deus pelas mãos dela. Assim todas as nossas ações e sofrimentos, cada dia, unidos aos merecimentos dela e do seu divino Filho. Nós mesmos e as nossas coisas - mas todas - cada dia a serviço dela. Todo dia, cada um de nós, "tudo debaixo do seu manto". Não sei o que mais exija o santo de Montfort" (106).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

NOVEMBRO 2014 - N° 291

No dia 04, comemoramos 198 anos de fundação da Congregação. Então, só para relembrar...:

A Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo foi fundada em 1816 por São Gaspar Bertoni, na cidade de Verona, no norte da Itália. Na época em que viveu São Gaspar Bertoni, entre final do século XVIII e meados do século XIX, a cidade de Verona era palco de constantes conflitos entre os exércitos francês, de Napoleão Bonaparte, e austríaco, que ocuparam a cidade e disputavam a sua posse. Esta situação provocou um clima de desordem e libertinagem, que atingiu principalmente a juventude, totalmente desamparada e cheia de idéias revolucionárias, e o próprio clero, que também por causa das guerras havia mudado sua mentalidade. Eram inúmeros os feridos de guerra, e não havia escolas para os meninos pobres.

Pe. Gaspar Bertoni trabalhou, desde os tempos de seminarista, no auxílio aos feridos de guerra e na instrução da juventude. Fundou Oratórios Marianos, onde reunia a juventude para orar e meditar a Palavra de Deus, e também para lazer e ocupações sadias, tirando-a daquele clima adverso que reinava na cidade. Os jovens formados por ele passaram a ser bem aceitos em todos os locais, pelo seu bom comportamento e aplicação no trabalho e nos estudos. Pe. Gaspar encaminhou esses jovens para artes e atividades através de preparação especializada, e mostrou-lhes o caminho da perfeita vida cristã. Ao som dos tiros de canhão da guerra que se deflagrava na cidade, foi ordenado sacerdote no dia 20 de setembro de 1800.

Convocado por seu bispo, foi eloqüente pregador nas missões populares na Paróquia de San Fermo, em Verona, tanto que, mesmo naquele clima de revolta, as pessoas ouviam atentas as suas pregações e se convertiam. Pela excelência de seu trabalho nessas missões populares ele recebeu da Santa Sé o título de Missionário Apostólico. Também a pedido de seu bispo, trabalhou na reforma do Clero de Verona,

que também fora atingido por aquele clima de libertinagem causado pela guerra. Também aí empenhou-se a tal ponto em seu trabalho que os padres e seminaristas passaram a ser reconhecidos como modelos de disciplina e zelo.

Era tão profunda a sua vida de oração e a sua união com Deus que ele vivia constantemente sob o influxo do sentimento da presença de Deus. Vivia o Santo Abandono, que significa deixar que Deus conduza a sua vida, e, como ele nos ensinou: sem jamais precedê-lo. Assim, em tudo ele percebia a vontade de Deus em sua vida, e tudo fazia para realizá-la. Pode-se resumir a fisionomia espiritual de São Gaspar com essas palavras: Filial e confiante abandono nas mãos de Deus, mesmo nas circunstâncias mais difíceis da vida.

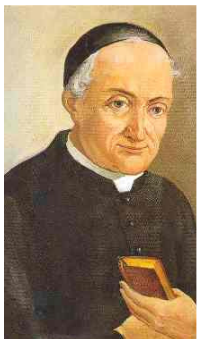
Assim, um dia, diante do altar de Santo Inácio de Loyola, fundador dos Jesuítas, Pe. Gaspar teve uma visão: era como se o santo lhe pedisse para fundar uma ordem religiosa. Seria uma tarefa quase impossível, pois, temendo qualquer reação contra eles, os invasores da cidade haviam proibido quaisquer reuniões ou aglomerações de pessoas. As ordens religiosas eram proibidas e até suprimidas, e até a ordem dos Jesuítas havia sido suprimida, na época.

Mas Pe. Gaspar, percebendo ser esta a vontade de Deus, passou a reunir-se com alguns companheiros, com objetivo inicial de estudos. E, como lutava para conseguir instalações para fundar uma escola para os meninos pobres, foi lhe dado um prédio anexo à Igreja dos Estigmas, para esta finalidade.

A Igreja recebia este nome porque era dedicada às chagas ou estigmas que São Francisco de Assis recebera, ao modo dos que feriram mãos, pés e peito de Jesus, e estava fechada há muito tempo. Para ser reaberta, necessitava de reformas, assim como o prédio.

Assim, no frio 4 de novembro de 1816, Pe. Gaspar entrou com alguns companheiros no prédio, para iniciar a escola, e este mesmo dia foi o marco de início da congregação que ele estava fundando.

Foram imensos os trabalhos necessários para iniciar a escola e reabrir a Igreja, mas a pequena comunidade empenhou-se a fundo e no ano seguinte tudo já estava funcionando. Os aposentos eram os mesmos para escola e quartos de dormir, então diariamente trocavam-se as camas por carteiras, e vice-versa.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

DEZEMBRO 2014 - N° 292

Publicamos aqui a última parte da sequência que tínhamos sobre a participação dos Missionários de São Carlos (ou Escalabrinianos) na história dos Estigmatinos, principalmente no Brasil.

Este texto foi transcrito também de documento arquivado por Pe. Bettini. Agradecimentos ao Pe. Bettini pelo empréstimo! Boa leitura!

Os Escalabrinianos e os Estigmatinos (parte final)

Pe. Faustino Consoni

Como introdução é interessante ler dois trechos, um da crônica do Pe. Zanetti e outro da crônica do Pe. Adami.

“Dezembro de 1910 (fim) – No fim deste mês ou no começo do seguinte (não sei bem) os “três” se reúnem na cidade de São Paulo (Capital do mesmo Estado, hoje talvez, com mais de meio milhão de habitantes, distante do Rio de Janeiro, em direção oeste 498 km) junto aos Missionários de São Carlos ou Escalabrinianos, no Orfanato Cristóvão Colombo, cujo diretor era então, o ainda vivo Pe. Faustino Consoni, bresciano: coração de ouro, que sempre mostrou um grande afeto por nós (Hoje é reitor da igreja de Santo Antonio, no centro da mesma cidade de São Paulo: sendo confessor do Arcebispo, e um grande apoio para quem chega da Itália).¹

“Depois de três quartos de hora, consegui abraçar e beijar Pe. Alexandre e Ir. Domingos.

- Como vai? Estás cansado? Precisa jantar? Oh! Encontramos um santo sacerdote, o Pe. Faustino Consoni, dos Escalabrinianos; nos hospeda em seu orfanato, nos trata como irmãos; você vai ver que delicadeza, que caridade!

¹ NM. p. 119

Eu estava abobado. Chegamos a um grande portão de ferro. Um padre veio nos receber. Era Pe. Faustino que, assim tarde da noite, havia esperado para me ver, saber se precisava de alguma coisa, mostrar-me o quarto, a cama, etc.

Pe. Alexandre disse-me bem devagarzinho: “é o Pe. Faustino, coitadinho; beijalhe a mão!”²

Esteve sempre ao nosso dispor. Hospedava-nos quando passávamos por São Paulo. Interessava-se por nós. E quando resolvemos vir para São Paulo e aqui conseguir uma casa, imediatamente Pe. Faustino entrou em ação, escrevendo esta carta ao Bispo de Campinas:

S. Paulo, 26 de Fevereiro de 1914

Illmo. e Ex.mo Rev.

Mons. D. Correa Nery

Dig.mo Bispo de Campinas

Cumprimentando respeitosamente V.E.Rev., beijo o Sagrado anel.

O portador desta é o Rev.mo Padre Henrique Adami, Stigmatino que com mais dous coirmãos reside em Tibagy.

Autorizado por aquelle Seu Superior Vigario da sobredita parochia esta em procura no Estado de S. Paulo e si for possível na Diocesi de Campinas, de um lugarzinho, para com a bençam do Ceu, trabalhar pelo bem das almas e exaltação da Nossa S. Religião, pois que qualquer religioso Stigmatino deve esforçar-se para desenvolver seu zelo em benefício da juventude, abrindo escolas, collegios, oratórios, lyceus de Artes e officios, bibliotecas, etc. dispondo para esse fim de Padres habilitados seja no insinodas letras, como de artes e officios.

O Deg.mo Vigário Geral de V.E. o Rev.mo Mons. Reimão já teve ocasião de conhecer estes Sacerdotes e o Rev.mo Superior dos mesmos em Milão.

Espero que V.E. com a costumada sua bondade não deixará de attender ao Rev. Padre Adami meu recomendado que verbalmente poderá expor suas intenções e quanto deseja fazer.

Estou convinto que os melhores fructos poderão dar os zelantes Padres Stigmatino vencendo qualquer expectativa si elles tiverem a felicidade de desenvolver seu zelo em qualquer Parochia que a V.E. se dignar confiar aos cuidados dos mesmos.

² NM. p. 22

*O Ver. Padre Pedro Dotto da Congregação de S. Carlos meu coirmão
acompanha o Ver. Padre Henrique Adami.*

Com a mais alta estima e respeito me assigno

De V.E.

Att. e obrig. Creado

P. Faustino Consoni

Apesar do português, esta carta nos colocou em Limeira, e depois Rio Claro.

Em 1919, quando deveríamos, por ordem dos Superiores, fechar a casa de Rio Claro e voltar todos para o Paraná, Pe. Faustino foi um dos que intercedeu junto ao Geral, para que reexaminasse sua ordem. E assim, graças a ele, também, continuamos aqui.³

Pe. Adami, o que mais fornece material sobre Pe. Faustino, descreve de suas delicadezas e mostra a sua caridade. Devendo ir para a Itália não conseguia dinheiro para a viagem. Recorreu então ao Pe. Faustino: “um pouco magoado, procuramos Pe. Faustino, aquele querido e santo padre que nos ajudou sempre, desde os primeiros dias no Brasil, ele que tem um coração que se daria todo para fazer o bem, para fazer caridade. Conto-lhe minha triste história. Ele se aconselha com Pe. Conrado Stefani, querido amigo nosso, e depois me diz: “Veja, Padre, eu devo mandar ao meu Superior em Roma, seis contos de réis. Eu lhe entregarei: gaste aquilo que deve gastar, e, chegando à Itália, por meio de seus Superiores complete a quantia, e a entregue ao meu Superior”.⁴

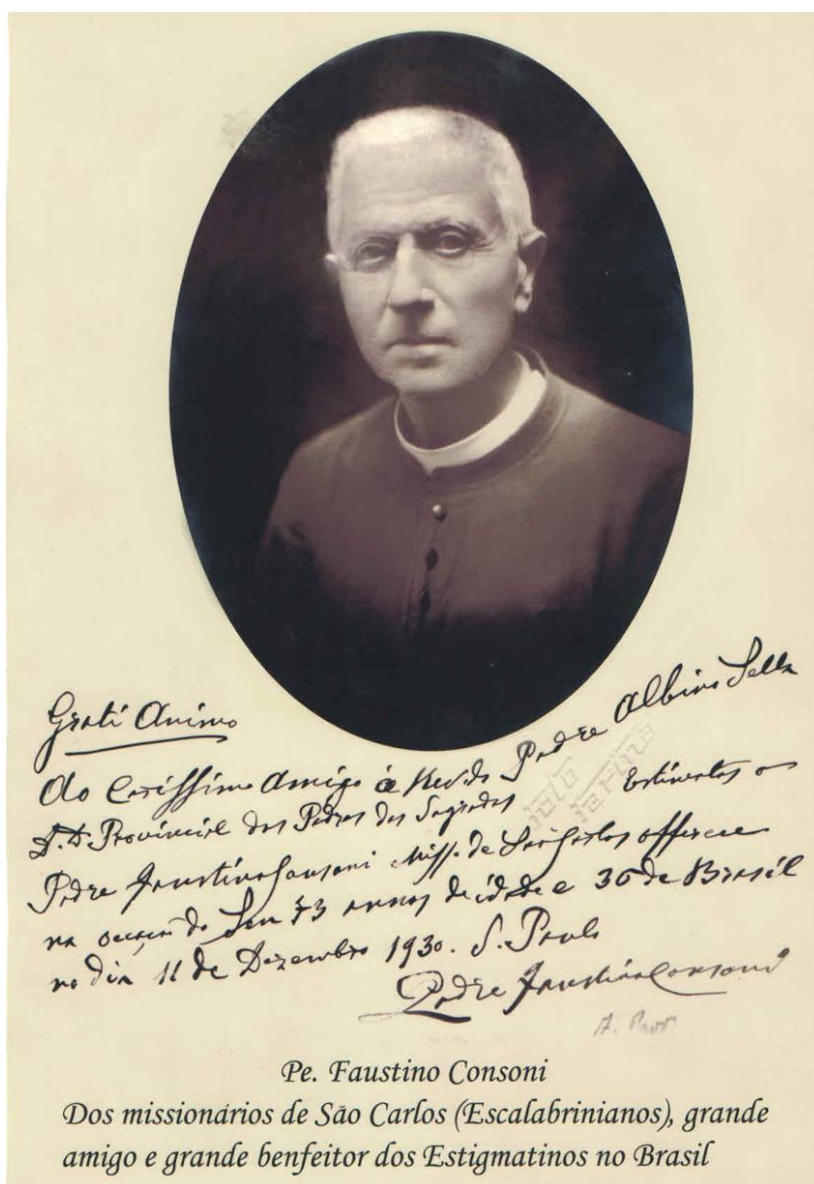
Finalmente encontramos na Crônica de Rio Claro de 12-08-1933: “Recebemos de São Paulo a notícia da morte do Pe. Faustino Consoni, um dos sacerdotes mais beneméritos do Instituto dos Missionários de São Carlos, fundado por D. Scalabrini. Para a nossa Congregação no Brasil foi como uma mãe que, em circunstâncias críticas, acolheu e confortou os nossos primeiros padres e depois nos foi sempre amigo amoroso e advogado”.⁵

³ NM. p. 134

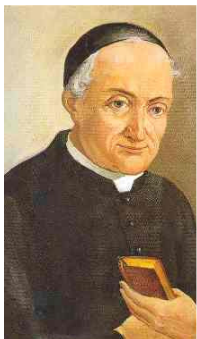
⁴ NM. p. 112

⁵ B. out.-dez. 1933, p. 222

E Pe. Adamio termina: “Já me encontrava há alguns anos na China, quando soube da sua santa e preciosa morte; e foi no ano seguinte, em Chicago e em Providence nos Estados Unidos, que me contaram da intenção dos Padres Escalabrinianos, de introduzir a causa de Beatificação do querido Pe. Faustino. Queira Deus! E possa eu, que o conheci tão bem ser uma das testemunhas nos primeiros processos apostólicos!”⁶



⁶ NM. p. 28



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

JANEIRO 2015 - N° 293

23 DE JANEIRO – FESTA DOS SANTOS ESPOSOS

A devoção ou a festa dos Esponsais de Maria com São José é de origem do século XV, na França e se espalhou por outras regiões.

A devoção espalhada pelo mundo teve o dia 23 de janeiro como data escolhida para a celebração. Chegou a ser supressa em muitos lugares, inclusive na região de Verona, por volta do final de 1600.

Porém, com o florescimento do culto a São José, não demorou muito para que a festa dos Esponsais fosse restabelecida, no sentido mais antigo, para toda a Igreja.

Na época em que São Gaspar viveu em Verona (início do século XIX), a Igreja dos Estigmas havia sido reduzida a oficina de guerra por Napoleão Bonaparte, e o altar-mór fora destruído. Pe. Gaspar construiu um novo e o dedicou aos Santos Esposos, representados num quadro que ele mesmo comprou, obra de pintor desconhecido. Deixou à igreja o título original dos Estigmas, mas de Jesus e não de São Francisco, como era.

Terminada a restauração da igreja, ele promoveu a primeira solenidade dos Santos Esponsais em 23/01/1823, quando os 5 Estigmatinos e outros 47 sacerdotes celebraram o Santo Sacrifício. Por designação dele fez o sermão o sacerdote Estigmatino Pe. Caetano Brugnoli, que apresentou Maria e José como "instrumentos da Divina Providência para levar a cabo a mais importante de suas obras: a Encarnação". Esse especial enfoque mostra que esta devoção não se restringe aos casados, mas é escola de santidade para todos que amam o Senhor.

Deus quis o casamento de Maria e José também para esconder o mistério da Encarnação que o mundo ainda não poderia compreender; para salvar a honra de Maria e ninguém duvidar de sua integridade por ter engravidado de modo diferente do natural; e para nos oferecer o mais perfeito modelo de casal e de família. Os casais imitando Maria e José se amarão sem medida, se respeitarão, impedirão a separação, aprenderão a se reconciliar nos desentendimentos, viverão fiéis um ao outro, estarão de

mãos dadas na alegria e na tristeza, construindo o lar na Rocha que é Cristo (Mt 7,24).

Mas a razão principal de São Gaspar colocar-nos sob a proteção dos Santos Esposos é que a vida do consagrado impõe uma crescente busca de intimidade com Jesus, como reza nossa Constituição 11. Ora, não é possível haver criaturas com uma entrega do mais completo serviço e da mais íntima comunhão de vida com Jesus, que se compare com a desse casal. Trinta anos voltados totalmente ao Salvador nas alegrias, nas dores, no aconchego do lar, nas relações sociais, na monotonia do mesmo trabalho de todos os dias, na oração.



Quadro dos Santos Esponsais de Maria e José Igreja dos Estigmas, em Verona, Itália



Quadro dos Santos Esponsais no Santuário Nossa Senhora de Lourdes, em Verona, Itália